

A EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO PRAÇA 14 DE JANEIRO E A SUA RELAÇÃO COM O QUILOMBO DO BARRANCO

Manuella Mendonça Pinheiro Pamponet

Mestranda em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Taís Furtado Pontes

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB)
Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Roger Pamponet da Fonseca

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB)
Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário Luterano de Manaus (ULBRA)
Professor Adjunto nível IV da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: A análise urbana a partir de mapas históricos possibilita reunir informações a respeito das diversas mudanças urbanas ao longo dos anos. O presente artigo tem como objetivo investigar a evolução urbana do bairro Praça 14 de Janeiro, Manaus/AM, e documentar a participação dos moradores do Quilombo do Barranco neste processo de evolução, utilizando dados recuperados de plantas cartográficas do passado, fotografias históricas e relatos orais. A metodologia foi subdividida em duas etapas, baseadas nos autores Kevin Lynch (2011 [1960]), com sua análise visual, e Philippe Panerai (2006), com sua análise sequencial. Os resultados obtidos por esses levantamentos de dados possibilitaram um estudo comparativo e global do bairro Praça 14 de Janeiro, onde se pretendeu compreender como o espaço urbano interage com as memórias e as dinâmicas sociais. A investigação verificou este espaço urbano e as suas diversas camadas, abordadas dentro de cada um dos tópicos propostos na metodologia.

Palavras-chave: Análise Urbana; Quilombo; Praça 14 de Janeiro; Análise visual.

Abstract: Urban analysis based on historical maps makes it possible to gather information about the various urban changes over the years. This article aims to investigate the urban evolution of the Praça 14 de Janeiro neighborhood, Manaus/AM, and to document the participation of residents of Quilombo do Barranco in this evolution process, using data retrieved from

cartographic plans of the past, historical photographs and oral reports. The methodology was subdivided into two stages, based on the authors Kevin Lynch (2011 [1960]), with his visual analysis, and Philippe Panerai (2006), with his sequential analysis. The results obtained from these data surveys enable a comparative and global study of the Praça 14 de Janeiro neighborhood, where it was intended to understand how the urban space interacts with memories and social dynamics. The investigation verified this urban space and its different layers, addressed within each of the topics proposed in the methodology.

Keywords: Urban analysis; Quilombo; Praça 14 de Janeiro; Visual analysis.

INTRODUÇÃO

O atual bairro Praça 14 de Janeiro teve seu processo de ocupação iniciado no final do século XIX, quando o então governador do Amazonas, Eduardo Ribeiro (1862-1900), incentivou a vinda de seus conterrâneos maranhenses para trabalhar nas construções de obras como o Teatro Amazonas, o Reservatório do Mocó, entre outras datadas da época. Com isso, várias famílias de ex-escravizados advindos do Maranhão foram recebidas em Manaus e se estabeleceram no atual bairro Praça 14 de Janeiro, constituindo uma comunidade que ficou conhecida na época como Vila dos Maranhenses.

De acordo com Lira (2018), a fundação da comunidade - então conhecida como Vila dos Maranhenses - se deu em meados de 1890 - 2 anos após a promulgação da Lei Áurea - quando a ex-escravizada dona Maria Severa Nascimento Fonseca, chegou a Manaus vinda do Maranhão com seus três filhos já adultos: Manoel, Antão e Raimundo. O local era considerado uma área distante do centro da cidade, uma área periférica, sem nenhuma infraestrutura, localizado em um extenso platô, na sua parte central.

Atualmente, a família descendente de dona Maria Severa ainda reside no mesmo território, localizado na Avenida Japurá, no quarteirão entre as ruas Visconde de Porto Alegre e Duque de Caxias. Ao longo dos anos, a comunidade do Quilombo do Barranco de São Benedito recebeu diversas homenagens públicas, reconhecimentos e certificações, como resultado de lutas envidadas ao longo de sua trajetória. Em 2014, a comunidade conquistou a Certidão de Autodefinição, por meio da Fundação Palmares, recebendo também, do governo do estado do Amazonas, a placa de segundo quilombo urbano do Brasil.

Hoje a comunidade é formada por 14 famílias, totalizando um total de 144 moradores. Segundo Rosa (2018), nesta localização urbana, os remanescentes quilombolas apresentam características culturais na sua territorialidade, afirmadas através das práticas religiosas e fazeres cotidianos, na resistência frente aos atos discriminatórios, à invisibilidade social e à expansão do perímetro urbano em virtude do crescimento da cidade.

Entender o processo de crescimento urbano é importante porque nos oferece uma apreensão global da aglomeração numa perspectiva dinâmica e permite determinar lógicas inscritas profundamente no território, que esclarecem as razões de ser do assentamento atual (Panerai, 2006). Partindo dessa premissa, foi realizada uma análise da evolução urbana, e concomitantemente, uma comparação das informações obtidas, com os relatos dos moradores mais antigos do Quilombo do Barranco, que acompanharam todo esse processo de urbanização do bairro.

Concluídas as análises urbanas, as perguntas que o presente artigo se propôs a responder, foram: como o espaço urbano do bairro Praça 14 configura-se frente às vivências e memórias da comunidade quilombola e de que forma essa paisagem é percebida e apropriada? As investigações propostas em cada um dos seis tópicos (1. Vias; 2. Limites; 3. Marcos; 4. Infraestruturas técnicas; 5. Áreas fechadas; 6. O sítio e a extensão) se assemelham a uma espécie de dissecação das camadas do espaço urbano, expondo diversas questões que acontecem na organização do bairro.

A RELAÇÃO ENTRE A EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO PRAÇA 14 E O QUILOMBO DO BARRANCO

Para o estudo da evolução urbana do bairro Praça 14 foram levados em consideração os relatos orais dos primeiros moradores do bairro¹: os quilombolas, que ocuparam a área por volta de 1890. Esses relatos foram registrados pela pesquisadora Lúcia Maria Barbosa Lira, em sua tese de doutorado (2018); pelo pesquisador Vinícius Alves da Rosa em sua dissertação de mestrado (2018); no filme “14 de Janeiro – Terra, Samba e

¹ Frente às poucas publicações, pesquisas e referenciais teóricos que podem ser utilizados como material de apoio para o presente artigo, os relatos de moradores antigos e atuais foram fundamentais para a realização da pesquisa.

Santo.” dirigido por Cristiane Garcia e no livreto “Praça 14 Memórias” publicado pelo Jornal À Crítica (2002). Ademais, foi feita uma associação entre a evolução urbana do bairro com o Quilombo do Barranco, que se mantém no mesmo território há 132 anos, o que possibilitou a seus moradores, a vivência absoluta da urbanização do espaço.

A história da fundação do bairro está ligada à Revolução de 14 de Janeiro de 1892, quando um grupo de revolucionários liderados por Almiro Álvares Afonso, Leonardo Malcher e Lima Bacuri tentou tirar do poder o governador da época, Gregório Thaumaturgo de Azevêdo. O movimento terminou em 27 de fevereiro do mesmo ano, com a renúncia de Thaumaturgo e a consequente nomeação de Eduardo Ribeiro para o Governo Estadual.

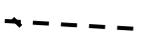
Segundo Moacyr Andrade (1927-2016), na ocasião da ocupação das terras do quilombo, a área do atual bairro Praça 14 de Janeiro era um lugar muito longínquo de Manaus, era preciso atravessar uma porção de igarapés a pé para chegar até lá.

As memórias do bairro Praça 14 estão intrinsecamente relacionadas à personagens e fatos. Sua história está personificada nas ruas, ladeiras, e casas que com cumplicidade nada relatam. Preso a um espaço, pouco se sabe dos fatos que compuseram essa história. Ela se desprende, aqui e ali, com contos do vizinho mais antigo ou através da publicação de textos superficiais (Jornal À Crítica, 2002, p. 13).

METODOLOGIA

Em um primeiro momento, foi realizada uma seleção de mapas históricos, fotografias históricas, textos e relatos a serem utilizados. Posteriormente, foi feita uma análise utilizando este material de apoio levantado segundo os parâmetros estabelecidos pelo autor Philippe Panerai, em seu livro “Análise Urbana” (2006). A metodologia de Panerai foi dividida em duas etapas, sendo a primeira a *Análise Visual*, onde foram considerados os elementos marcantes da paisagem urbana, determinados por Kevin Lynch em seu livro *The Image of the City* (1960), e a segunda a *Análise Sequencial*, que está relacionada a uma apreensão do território através de fotografias, esquemas e análises cartográficas. Cada uma das duas etapas metodológicas se subdivide em três tópicos, discriminados nas Tabelas 1 e 2. Cada um desses tópicos gerou mapas de análises gráficas com dados quantitativos e qualitativos, que permitiram então interpretações e conclusões a respeito da evolução urbana do bairro Praça 14 de Janeiro.

Tabela 1: Tópicos abordados na Análise Visual

ANÁLISE VISUAL	
VIAS 	Caminhos dos transeuntes, itinerários e rotas marcantes, percursos rodoviários, ferroviários, etc.
LIMITES 	Bordas características dos setores que marcam visualmente seu término. Podem ser constituídos por um corte no tecido (um boulevard, parque, canal, viaduto, via férrea), por uma ruptura tipológica no espaço edificado, por uma ruptura do relevo, etc.
MARCOS 	Elementos construídos, edifícios excepcionais, monumentos ou parte de monumentos, dotados de uma forma particular que facilita sua identificação. Uma praça, um cruzamento, um largo, uma ponte, um morro, etc.

Fonte: Lynch (1960) e autores (2021)

Tabela 2: Tópicos abordados na Análise Sequencial

ANÁLISE SEQUENCIAL	
INFRAESTRUTURAS TÉCNICAS	Esgoto, metrô, redes diversas. Algumas estão incorporadas à massa edificada que a dissimula nas profundezas do tecido urbano (vias férreas), outras adquiriram status de monumento (aquedutos) ou combinam eficácia técnica e embelezamento (canais, reservatórios, fontes).
ÁREAS FECHADAS, ENCLAVES E ÁREAS ISOLADAS	Subtração de grandes porções do território sob a forma de áreas fechadas, muitas vezes inacessíveis e organizadas de maneira autônoma. Exemplo: Estações de triagem, aeroportos, campos militares, portos, complexos industriais, etc.
O SÍTIO E A EXTENSÃO	Análise urbana relacionada à geografia, que constitui a primeira maneira de se abordar o território. Estudo da paisagem, topografia, elementos naturais através de fotografias aéreas, mapas, imagens digitais e de satélites que permitam essa observação do conjunto.

Fonte: Panerai (2006) e autores (2021)

A Análise Visual parte do mapeamento e identificação das vias, definidas por Lynch (2011) como os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Segundo Pereira Costa (2004), a forma urbana é definida pelos elementos físicos fundamentais: as edificações e os espaços livres a elas relacionados, ou seja, as áreas livres privativas e públicas, os quarteirões, os lotes e as vias. Ambos concordam que as vias são elementos que estruturam o espaço urbano tornando-o legível em termos de paisagem.

O bairro Praça 14 de Janeiro, localizado na zona Centro-Sul da cidade de Manaus (Figura 1), tem sua organização espacial caracterizada por um traçado ortogonal rígido, que claramente não levou em consideração as características naturais do território de implantação, principalmente em relação à topografia. A malha ortogonal, inalterada na contemporaneidade, é composta por 38 quarteirões que possuem em média 150 metros de cada lado, com exceção dos quarteirões da porção leste do bairro, que são maiores, com 230 a 250 metros de lado. Esses quarteirões são contidos em ruas com larguras que variam entre 12 e 15 metros.

Os percursos foram analisados através de quatro mapas. O primeiro mapa apresenta o Sistema Viário (Figura 2), onde as vias foram classificadas em: vias arteriais (em laranja), vias coletoras (em bege), e vias locais (em azul). O segundo mapa (Figura 3) apresenta os percursos em zonas que são predominantemente pedonais, ou seja, onde predomina a circulação de pedestres. Isso acontece nessas áreas específicas porque se tratam de pequenas vilas, becos, ruas sem saída, geralmente muito estreitas, que foram demarcadas em azul na Figura 3 – e evidenciam que esses tipos de organizações urbanas estão muito presentes no bairro da Praça 14.

Figura 1, 2 e 3: Mapas de localização do bairro Praça 14 na cidade de Manaus, sem escala (esq.); Mapa de sistema viário (centro) e Mapa de percursos de pedestres (dir.)



Fonte: Os autores (2022)

Uma questão relevante no bairro é o tipo de moradia em vilas e o impacto que essas formas de habitação têm sobre a infraestrutura local. As vilas possuem uma maior densidade habitacional do que moradias unifamiliares isoladas, caracterizada por construções geminadas que permitem abrigar maior número de moradores por metragem quadrada. Na Figura 4, foram registradas fotografias de alguns exemplos desses espaços. Vila na avenida Barcelos, Travessa do Leite, vila na avenida Jonathas Pedrosa, e vila na avenida Visconde de Porto Alegre, respectivamente. Segundo Cavalcante (2006), essa forma de moradia pode ser bem estratégica, uma vez que, de outro modo essas pessoas não teriam condições de morar naquelas áreas, pois quanto mais estruturado e dotado de benefícios, mais valorizado se torna o solo de uma dada área.

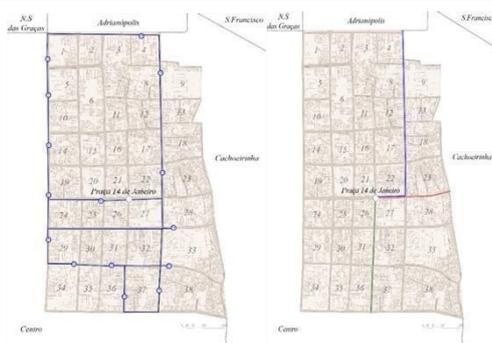
Figura 4: Vilas existentes no bairro Praça 14 de Janeiro



Fonte: Os autores (2022)

O terceiro mapa (Figura 5) demarcou os percursos dos transeuntes até as paradas de ônibus existentes no bairro. A demarcação desses percursos se mostrou relevante pelo fato de que apenas 8% da população residente do bairro possui automóvel próprio, segundo o Censo IBGE 2010.

Figuras 5 e 6: Mapa de percursos e pontos de ônibus (esq.) e Mapa de Percursos até bairros limítrofes (dir.)



Fonte: Os autores (2022)

Acontece que os percursos (os trajetos) do bairro Praça 14 de Janeiro até os bairros vizinhos nem sempre foram simples assim. Quando os primeiros quilombolas chegaram no território, a região era marcada por uma vegetação abundante, não era uma área urbanizada. A paisagem era predominantemente caracterizada por matas e igarapés. Esse período foi retratado por dona Nazaré, uma das moradoras mais antigas da Comunidade do Barranco:

Aquilo tudo era mato. Ali era um igarapé grande, a gente passava por cima dos paus para atravessar. Era um buracão muito horrível. Ali onde é a Justiça do Trabalho na Visconde [de Porto Alegre], ‘Deus o livre!’, ali era um buraco muito feio. Hoje em dia quando eu passo lá eu fico olhando... Como as coisas mudam, né? Ninguém passava da Praça 14 para a Cachoeirinha não. Para ir para a Cachoeirinha a gente ia pelo Circular, pegava a Emílio Moreira e subia, naquele tempo tinha o bonde que passava, que chamava “circular.” Passava por essa rua do cemitério direto e por trás do Reservatório [do Mocó]. Ai a gente passava em frente a penitenciária para pra Cachoeirinha. Não tinha passagem (Entrevista a dona Nazaré, 2011).²

Uma análise comparativa entre o relato de dona Nazaré e alguns mapas antigos da cidade de Manaus confirmou as informações por ela descritas. Na Figura 7, foi destacada (em azul escuro) a antiga linha do bonde, de acordo com o Mapa de 1913. No círculo branco, encontra-se a localização do Quilombo do Barranco. Em azul claro, destacam-se os igarapés existentes na época. O caminho (em verde) marca a rota que os

² Entrevista exibida no filme “14 de Janeiro – Terra, Samba e Santo.” Dirigido por Cristiane Garcia.

moradores do Quilombo tinham que caminhar até o ponto do bonde, na esquina da Leonardo Malcher com a Emílio Moreira. O bonde subia (no trajeto demarcado pela linha pontilhada verde) em direção ao Boulevard, passava nos fundos do Reservatório do Mocó e chegava até o bairro Cachoeirinha. Isso confirma que a lembrança de dona Nazaré foi precisa.

Figura 7: Mapa de Manaus de 1913



Fonte: Instituto Durango Duarte. Alterado pelos autores (2022)

Ainda observando a Figura 7, nota-se que à esquerda dos limites do bairro Praça 14, alguns quarteirões eram separados do bairro Centro por um curso d'água, nesse caso, o Igarapé de Manaus, que se localizava na altura das avenidas Doutor Machado, Leonardo Malcher e Ramos Ferreira. Hoje, o igarapé foi completamente aterrado e ocupado pelo Parque Residencial Manaus, um conjunto habitacional do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM).

Dando continuidade à Análise Visual, foram então considerados os Limites, que segundo Lynch (2011), definem as fronteiras entre duas fases, quebras lineares de continuidade. Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região da outra, podendo ser artificiais ou naturais. Uma análise morfológica do bairro possibilitará uma nova delimitação de seus limites, fundamentada pelos conceitos apresentados pelo autor Kevin Lynch.

Como ponto de partida para análise dos limites da Praça 14, tomou-se como primeira referência o perímetro administrativo do bairro, estabelecido pela Lei nº 1.401, de 14 de janeiro de 2010, que dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros de Manaus. Os quatro pontos desse perímetro são marcados pelo: 1) cruzamento da Av. Boulevard Álvaro Maia e a Av. Major Gabriel; 2) cruzamento da Av. Major Gabriel e a Av. Ramos Ferreira; 3) cruzamento da Av. Ramos Ferreira com a Av. General Glicério; e 4) cruzamento da Av. General Glicério com a Av. Boulevard Álvaro Maia. Não são mencionadas no Plano Diretor de Manaus (2014) as justificativas para delimitação dos limites dos bairros.

Levando em consideração esses limites administrativos estabelecidos pelo Plano Diretor, a análise terá como pontos de referência as quatro avenidas que delimitam a poligonal do bairro, são elas: Boulevard Álvaro Maia (a); Major Gabriel (b); Ramos Ferreira (c) e General Glicério (d). As avenidas Major Gabriel e Ramos Ferreira marcam os limites entre o bairro Praça 14 e o bairro Centro, enquanto a av. Boulevard Álvaro Maia marca o limite entre o bairro Praça 14 e o bairro Adrianópolis, e por último, a av. General Glicério marca o limite entre a Praça 14 e a Cachoeirinha.

Considerando o ponto de referência (a), é possível afirmar que a Av. Boulevard Álvaro Maia estabelece uma ruptura que diferencia a Praça 14 do Adrianópolis de maneira bem clara. Para justificar essa diferenciação, foram observados alguns fatores que serão descritos a seguir.

Em relação à renda per capita, calculada mediante o Censo IBGE de 2010, o bairro Adrianópolis se encontra na categoria de rendimentos mais elevados dentre os bairros de Manaus, possuindo quase que o dobro da renda dos moradores do bairro Praça 14 de Janeiro. Esses dados estão diretamente refletidos nas tipologias construtivas dos bairros. Enquanto o Adrianópolis é um dos bairros mais verticalizados de Manaus – com verticalização Vertical Alta e gabarito máximo de 25 pavimentos – sua espacialidade é caracterizada pela presença de muitos edifícios em altura de alto padrão, residenciais e comerciais.

Já o bairro Praça 14 – com sua verticalização Vertical Média, de acordo com as Leis de Uso e Ocupação do Solo do Plano Diretor de Manaus de 2014 – apesar de permitido o gabarito máximo 16 pavimentos, são poucos os edifícios em altura presentes no bairro. Sua paisagem é predominantemente marcada por residências unifamiliares de 1 ou 2 pavimentos, e ainda, segundo o IBGE, 82% desses domicílios particulares têm suas paredes externas de alvenaria sem revestimento. Assim, visualmente é fácil perceber a distinção entre os dois bairros frente às características gerais marcadas de forma explícita a paisagem da Av. Boulevard, como se pode observar na Figura 8.

Figura 8: A Avenida Boulevard Álvaro Maia [em azul] estabelecendo o limite entre o bairro Praça 14 de Janeiro e o bairro Adrianópolis



Fonte: Google Earth. Alterado pelos autores (2022)

Em relação aos pontos de referência (b) e (c), as avenidas Major Gabriel e Ramos Ferreira marcam o limite administrativo entre o bairro Praça 14 e o bairro Centro. Porém, fazendo uma análise espacial, observou-se que nesse caso, os limites da prefeitura são um tanto incoerentes frente à forma urbana analisada segundo os critérios morfológicos, como segue.

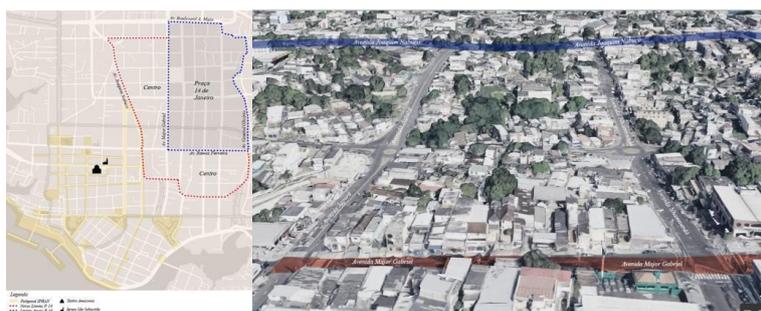
O bairro Praça 14 possui marcos territoriais e fronteiras com características geográficas bem específicas. A grande variação de níveis topográficos resulta em ruas e avenidas íngremes. Edificações com afastamentos generosos, e tipologias residenciais dos anos 60 e 70. Segundo Lira (2018), a Praça 14 é uma área com grande especulação imobiliária, de um comércio forte no ramo automotivo, com muitas lojas, oficinas de consertos de carros e revendedoras de automóveis diversos, o que, nos últimos quarenta anos, se expandiu vertiginosamente por todas as ruas do bairro.

Algumas das diferenças que marcam os bairros Centro e Praça 14 podem ser elencadas tanto do ponto de vista legal quanto de percepção dos moradores. Em termos legais, as caixas viárias do bairro Praça 14 devem apresentar uma dimensão mínima de 15,50 m, enquanto no Centro não há um valor mínimo estabelecido. Além disso, no Centro é permitida uma área mínima de lotes de 160m², enquanto a Praça 14 a área mínima permitida de lotes é de 250m². Ademais, no Centro, os afastamentos, as caixas viárias e o tamanho dos lotes são bem menores.

O Centro de Manaus, por outro lado, é facilmente identificável por outras razões, como a presença de Marcos (Lynch, 1960) como o Teatro Amazonas (1896), o Largo (1896), a Igreja São Sebastião (1870), o Palácio da Justiça (1900), dentre outras construções históricas, se tornaram pontos icônicos da cidade, muitas vezes sintetizando o que se entende por Centro Histórico. Os eixos viários, os edifícios monumentais e o conjunto urbano se consolidaram e formam hoje o conteúdo da poligonal do Centro Histórico de Manaus, tombado pelo IPHAN em 2012.

Frente à análise dos condicionantes da forma urbana dos dois bairros, pode-se sugerir um novo limite morfológico para o bairro Praça 14 de Janeiro. Um olhar mais atento evidencia que, levando em conta as características que melhor qualificam e definem o bairro Praça 14, seu novo limite Oeste não deveria de dar na Av. Major Gabriel, e sim na Av. Joaquim Nabuco, enquanto seu limite Sul se daria na Av. Ipixuna, e não mais na Av. Ramos Ferreira. Além disso, observa-se na Figura 9 que dentro desses novos limites sugeridos para a Praça 14, a nova área incorporada ao bairro se encontra fora da área tombada do Centro Histórico, ou seja, onde se encontram os edifícios de valor cultural. Assim, a justificativa de demarcação dos novos limites do bairro Praça 14 nas Avenidas Joaquim Nabuco e Ipixuna se daria pelas diferenciações espaciais anteriormente citadas entre os dois bairros e que poderiam então ser percebidos de fato como limites.

Figura 9 e 10: Mapa de referências culturais no Centro Histórico de Manaus e trecho das Avenidas Japurá e Nhamundá, entre a Major Gabriel e a Joaquim Nabuco



Fonte: Google Earth. Acervo da Superintendência do Iphan no Amazonas. Alterado pelos autores (2022)

Na Figura 10 (acima), é possível observar a Av. Major Gabriel (em laranja) e a Av. Joaquim Nabuco (em azul). No atual limite administrativo, a Major Gabriel marca o fim do bairro Praça 14, mas na prática a realidade é bem diferente. Esse trecho das avenidas Japurá (à esquerda) e Nhamundá (à direita), apesar de tecnicamente estar localizado no bairro Centro, de “Centro” não tem nada. Isso fica evidente olhando para a disposição das vias, a topografia, a tipologia e distribuição das edificações e os afastamentos.

Por fim, considerando o ponto de referência (d), a Av. General Glicério é estabelecida pelo Plano Diretor de Manaus como o limite entre o bairro Praça 14 e o bairro Cachoeirinha. Após uma breve análise, este quarto e último limite administrativo foi considerado coerente, pois apesar desses dois bairros em muito se assimilarem, a separação entre eles foi historicamente marcada por uma barreira física natural: o antigo Igarapé da

Cachoeirinha (ou igarapé Mestre Chico). A Av. General Glicério segue inclusive o desenho original do antigo igarapé [Figura 11], ao contrário das demais vias do bairro inseridas na malha de tabuleiro de xadrez.

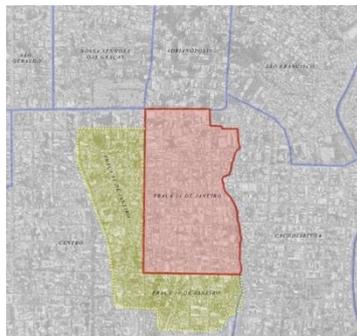
Figuras 11 e 12: Planta de Manaus, 1913 (esq.) e Foto histórica do Igarapé da Cachoeirinha, 1897. O igarapé separava os bairros Praça 14 e Cachoeirinha (dir.)



Fonte: Instituto Durango Duarte. Alterado pelos autores (2022)

Como resultado dessas análises, sugere-se um novo mapa de limites do bairro Praça 14 de Janeiro, apresentado na Figura 13.

Figuras 13: Novo mapa de limites do bairro Praça 14 de Janeiro



Fonte: Os autores (2022)

O próximo critério de análise morfológica são os *Marcos*, que Lynch (2011) define como objetos físicos: edifícios, sinais, lojas ou montanhas. Os marcos do bairro Praça 14 de Janeiro foram demarcados no mapa da Figura 14, e serão numerados e descritos a seguir.

Figuras 14, 15, 16: Mapa com os Marcos do bairro Praça 14 de Janeiro. Santuário de Fátima em 1960 e Prédio do Seminário



Fonte: Os autores (2022). Instituto Durango Duarte (2022) e Manaus de antigamente (2022)

O primeiro marco (1), que está diretamente associado à paisagem da Praça 14, é o Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Segundo o livreto “Praça 14: Memórias”, lançado pelo Jornal À Crítica em 2002, a idealização de uma capela no bairro começou no dia 13 de maio de 1939, com a celebração da primeira missa campal pelo Bispo Diocesano, Dom Basílio Pereira. Frei José de Leonessa desejava construir um Santuário, e a construção da Igreja foi iniciada em 13 de outubro de 1942, com a ajuda filantrópica da Colônia Portuguesa residente em Manaus. Pode-se afirmar que a igreja é um dos, se não o patrimônio construído de maior importância e visibilidade do bairro. Sua cúpula é imponente e pode ser vista de diversos pontos da cidade. Acredita-se que suas referências estéticas tenham influência da arquitetura renascentista italiana.

O segundo marco (2) de suma importância do bairro é a sede da Escola de Samba Vitória Régia, antiga escola de samba “Misto da Praça 14.” O bairro sempre participou ativamente do carnaval amazonense, os moradores, bastante festeiros, reuniam familiares, vizinhos e amigos para a organização de blocos, rodas de samba, boi-bumbá, pastorinhas e quadrilhas.

Apesar de na Praça 14 a presença de edifícios históricos não ser recorrente, também não é completamente nula. Localizado na esquina da Emílio Moreira com a Ramos Ferreira (limite entre a Praça 14 e o Centro) como terceiro marco (3), está localizado o prédio do antigo Seminário de São José, datado de 1848. Sua arquitetura lembra o estilo colonial brasileiro. Já foi sede da primeira escola secundária de Manaus e também do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (ICHL) da Universidade Federal do Amazonas. Atualmente abriga uma instituição particular de Ensino Superior.

Podem ainda ser considerados marcos, ou ao menos pontos de referência, alguns edifícios institucionais, como a sede da Manaus Energia (4), o Procuradoria Geral do Estado (5), o Tribunal Regional do Trabalho (6), o 1º Distrito Integrado de Polícia (7), além do prédio da Universidade do Estado do Amazonas (Faculdade de Artes e Turismo) (8). Quanto aos marcos

comerciais, a loja e fábrica da Sorveteria Glacial (9), Funerária Canaã (10). Na esquina da avenida Tarumã com a Visconde de Porto Alegre, fica localizado o Lanche do Careca Lindo (11), também bastante frequentado, não somente pelos moradores do bairro.

Uma das características mais marcantes do bairro Praça 14 é a grande quantidade de lojas, oficinas de consertos de carros e revendedoras de automóveis. Pode-se afirmar que esse é o bairro de Manaus que mais concentra comércios do ramo automotivo. Esses não foram numerados e marcados no Mapa, por serem realmente incontáveis.

Por último, considerado o mais antigo e importante marco do bairro, está a comunidade do Quilombo do Barranco, que se estabeleceu no território em meados de 1890, antes mesmo do plano urbano chegar até lá. O Projeto de Lei Nº 4.201, de 23 de julho de 2015, proposto pelo deputado estadual Bosco Saraiva, tornou a comunidade quilombola patrimônio imaterial do estado do Amazonas. Por esta razão, uma placa alusiva à homenagem está afixada na parede externa da residência de uma família quilombola da comunidade. Apesar de importante marco para os moradores locais, a comunidade não possui uma edificação ou elemento construído que seja o símbolo legível de sua presença na paisagem.

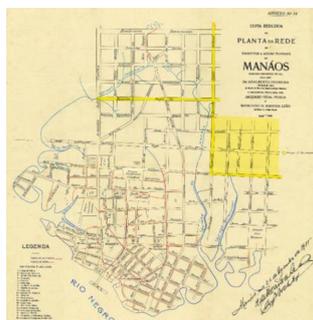
ANÁLISE SEQUENCIAL DO BAIRRO PRAÇA 14 DE JANEIRO

A segunda parte da análise morfológica considerou as Infraestruturas técnicas que, para o autor Philippe Panerai, seria o primeiro tópico da análise sequencial. Segundo ele, essas podem estar presentes nas cidades de algumas maneiras distintas: 1. Enterradas (esgotos, metrô, redes diversas); 2. Incorporadas às edificações que formam o tecido urbano (vias férreas); 3. Combinando eficácia técnica e embelezamento, possivelmente tendo adquirido status de monumento (aquedutos, canais, reservatórios, fontes).

Como premissa inicial para análise das infraestruturas técnicas do bairro Praça 14 de Janeiro, primeiramente procurou-se identificar na área de estudo a presença dos elementos supracitados pelo próprio autor, anteriormente listados nos itens 1, 2 e 3. No item 1, temos as redes de esgoto. Segundo dados do Censo 2010, coletados pelo IBGE, verificou-se que o bairro em estudo não possui uma rede própria de coleta e tratamento de esgoto sanitário. A realidade que prevalece atualmente na área urbana da cidade é o uso de fossa séptica e sumidouro (residências regularizadas) e o encaminhamento direto de dejetos aos rios e igarapés (residências não regularizadas). No mapa da Figura 17, tem-se a Planta da Rede de Esgotos e Águas Pluviais da cidade de Manaus do ano de 1915. Somente um pequeno

trecho do bairro Praça 14 consta no mapa (este foi destacado em amarelo), trecho este que não era contemplado pela rede de esgotos (destacada pelas linhas em vermelho).

Figura 17: Planta da Rede de Esgotos e Águas Pluviais, 1915

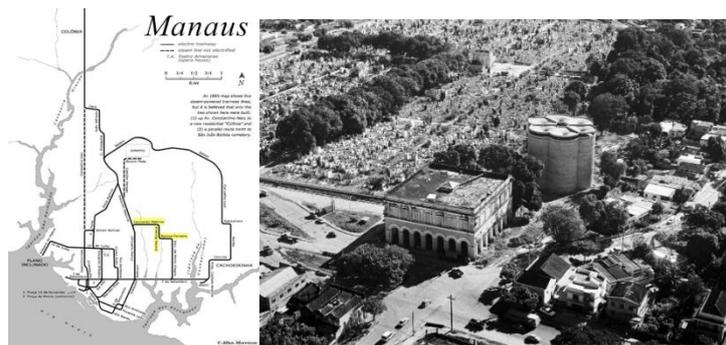


Fonte: Instituto Durango Duarte. Alterado pelos autores (2022)

Atualmente, 132 anos depois, as famílias da comunidade continuam em situação de falta de infraestrutura técnica de esgotamento sanitário. Segundo Pinheiro (2022), os moradores da comunidade reivindicam seus direitos sociais e lutam por melhores condições de vida, dignidade e respeito. Todavia, as políticas governamentais relacionadas à qualidade de vida têm sido ineficazes, fato que impõe aos remanescentes de quilombo enfrentarem problemas com a falta de saneamento básico, sobretudo no que diz respeito ao esgoto sanitário. Algumas residências da comunidade - por conta da precariedade do esgoto sanitário - têm seus banheiros locados na área externa dos lotes.

No item 2, vias férreas, como anteriormente mencionado na Análise Visual das Vias, a antiga Linha de Bonde da cidade de Manaus contemplava o bairro Praça 14, mais precisamente em seu limite sudoeste, passando por um pequeno trecho (este destacado em amarelo no Mapa da Figura 18) com início na Av. Leonardo Malcher, passando pela Rua Emílio Moreira indo até a Av. Ramos Ferreira. Vias férreas propriamente ditas - que podem ser encaradas como um sistema de transporte semelhante aos bondes - nunca chegaram a ser implantadas em Manaus até hoje.

Figura 18 e Figura 19: Mapa de 1897. Percurso de duas linhas de bonde em Manaus (dir.) e vista aérea de parte dos jardins da Praça Chile, à esquerda. Ao centro, Reservatório do Mocó e, ao fundo, Cemitério São João Batista (esq.)



Fonte: Instituto Durango Duarte. Acervo The Tramways of Brazil a 130 year survey by Allen Morrison (esq.) e Acervo Eduardo Braga (dir.)

No item 3, o autor menciona elementos de infraestrutura que “combinem eficácia técnica e embelezamento, possivelmente tendo adquirido status de monumento” (Philippe Panerai, 2006, p. 45). O exemplar mais significativo deste terceiro item seria o Reservatório do Mocó (1899) (Figura 19). Apesar de não estar localizado dentro da poligonal administrativa do bairro Praça 14, este está a uma distância de 350 metros de seu limite noroeste e tem uma relação direta com a imagem do bairro, por ser um importante ponto de referência.

Por último, acrescentou-se um quarto item ao tópico de infraestruturas técnicas, sendo que este não foi listado pelo autor Philippe Panerai. Dentro da análise da área, observou-se que o bairro Praça 14 de Janeiro carece bastante de infraestrutura social, conceito que está relacionado à presença de espaços públicos, como praças e parques.

A única praça localizada na área é a praça que deu o nome ao bairro. Localizada entre as avenidas Japurá e Tarumã e as ruas Emílio Moreira e Bittencourt (atual Jonathas Pedrosa) a antiga praça 14 de Janeiro (que futuramente nomearia o bairro) é datada de 1892. De acordo com Duarte (2009), seu nome seria referência à revolta ocorrida em 14 de janeiro de 1892, que culminou com a renúncia do governador Thaumaturgo de Azevedo.

Figura 20 e Figura 21: Praça 14 de Janeiro em dois momentos. Foto histórica (dir.) e foto na atualidade (esq.)



Fonte: Instituto Durango Duarte e autores (2022)

Áreas fechadas, enclaves e áreas isoladas

No segundo tópico de sua Análise Sequencial, Panerai (2006) conceitua as áreas fechadas, enclaves e áreas isoladas. Definindo como áreas onde o acesso e a circulação locais são controlados. Para identificar essas áreas, foram utilizadas as ferramentas de mapas online e imagens de satélite do Google Maps. De posse desses dados, gerou-se um Mapa de Cheios e Vazios (Figura 22), onde os “cheios” são edificações e os “vazios” são áreas livres de construções.

Figura 22: Mapa de Cheios e Vazios e Áreas fechadas



Fonte: Os autores (2022)

Neste mapa, foram destacadas em azul sete localidades que foram consideradas áreas fechadas, enclaves e áreas isoladas, listadas a seguir: (1) Fábrica da Sorveteria Glacial (4.000m²); (2) Delegacia do 1º Distrito Policial (DIP) (20.000m²); (3) Praça e Igreja de Nossa Senhora de Fátima (15.600m²); (4) Maternidade Estadual Balbina Mestrinho (10.000m²); (5) 1º Batalhão de Polícia Militar (Força Tática) (10.000m²); (6) Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) (6.000m²); (7) Escola de Direito UEA (antigo Seminário de São José) (10.000m²).

Todas as localidades selecionadas têm acessos restritos e/ou controlados, e ocupam áreas consideráveis de seus respectivos bairros. Pode ser

considerada uma área fechada a Praça da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, o hospital Maternidade Estadual Balbina Mestrinho, o prédio da Escola de Direito da Universidade do Estado do Amazonas e a Embratel, apesar de serem instituições públicas, acabam criando áreas isoladas em seus perímetros. Uma outra grande concentração de áreas fechadas do bairro Praça 14 de Janeiro acontece nas Concessionárias de veículos, que são bastante presentes na paisagem do bairro, e essas possuem certa “predominância visual”, por conta dos seus grandes galpões e estacionamentos. Doze galpões considerados como “áreas fechadas” foram destacados no mapa da (Figura 22) na cor laranja.

O SÍTIO E A EXTENSÃO

Como terceiro e último tópico da análise sequencial proposta pelo autor Philippe Panerai, temos *O sítio e a extensão*. Neste, o autor propõe uma análise urbana diretamente relacionada à geografia, onde propõe um estudo da paisagem, da topografia e dos elementos naturais, que se deu através de fotografias aéreas, mapas, imagens digitais e de satélites, que permitiram essa observação do conjunto.

O bairro Praça 14 de Janeiro possui características geográficas tão marcantes que estas serviram como uma referência, que evidenciou o limite Praça 14 – Centro. A própria Comunidade do Quilombo do Barranco foi assim nomeada por conta de suas originais características topográficas. No momento de sua fundação, território quilombola tradicionalmente ocupado se localizava na ribanceira do Igarapé da Cachoeirinha (atual Mestre Chico), se tratava de uma encosta íngreme, um barranco, propriamente dito. No início das construções e arruamentos para o planejamento das estradas, a topografia natural dos terrenos foi alterada, e o barranco do Quilombo foi dividido ao meio pela Avenida Japurá, passando a formar dois barrancos independentes, um para cada lado da rua. Isto resultou em ruas muito íngremes. Como por exemplo, neste quarteirão do Quilombo, localizado na Avenida Japurá (Figura 23), entre as ruas Visconde de Porto Alegre e Duque de Caxias há uma variação de nível de quase 28 metros.

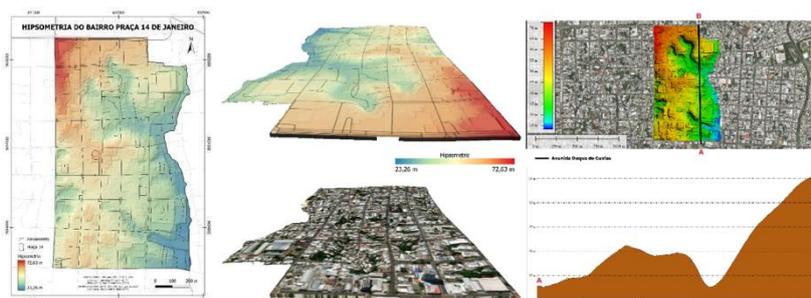
Figura 23: Imagem aérea do bairro Praça 14 de Janeiro. Trecho da Avenida Japurá



Fonte: Google Maps. Alterado pelos autores (2022)

Para uma melhor compreensão das características geográficas do bairro em estudo, a presente pesquisa contou com a colaboração do geógrafo Bruno Sarkis Vidal (mestrando em Geografia pelo PPGEOG - Programa de Pós-graduação em Geografia da UFAM), que gerou alguns produtos, utilizando três softwares: o QGIS, o Global Mapper e o Surfer. O primeiro produto gerado foi um Mapa da Hipsometria do bairro Praça 14 de Janeiro [Figura 24], que se trata de uma operação voltada à medição de altitudes dos pontos de um terreno e a representação dessas altitudes numa planta topográfica. No método hipsométrico, as altitudes de uma região são apresentadas por diferentes cores. Este mapa evidenciou a variação de níveis topográficos dentro da poligonal do bairro, sendo que o nível mais alto está na cota 72.63m (no limite noroeste, cruzamento entre a Av. Major Gabriel e a Av. Boulevard Amazonas), e o nível mais baixo está na cota 23.26m (no limite sudeste, cruzamento entre a Av. General Glicério e a Av. Leonardo Malcher).

Figuras 24, 25, 26 e 27: Mapa da Hipsometria do bairro Praça 14 de Janeiro (esq.); Modelo Digital de Elevação (Aerolevantamento, 2019) (centro.) e Corte Transversal do bairro Praça 14 de Janeiro (dir.)



Fonte: Vidal, B. S. (2022)

Por último, o terceiro produto foi um Corte Transversal B-A, passando por toda a Av. Duque de Caxias em sua extensão Norte-Sul (Figura 27). A avenida tem seu ponto mais alto na cota 57m e seu ponto mais baixo na cota 32m. Sabe-se que essas características geográficas do bairro se justificam pela existência de uma transição bem marcante do platô existente para o fundo de vale (do antigo igarapé Mestre Chico). A declividade acentuada se justifica ainda pela amplitude alta que se dá em uma largura pequena, já que a extensão Leste-Oeste do bairro tem menos de um quilômetro. Mesmo com

o passar dos anos e com tantas transformações que o processo de urbanização propiciou na paisagem do bairro Praça 14 de Janeiro, seus caminhos continuam marcados pelas suas famosas ladeiras, suas subidas e descidas que tanto o diferenciam de seus bairros vizinhos.

Uma característica geográfica que – infelizmente – não foi muito bem preservada no bairro Praça 14 de Janeiro foi a presença de muitas árvores e áreas sombreadas. Na ocasião da ocupação das terras pelos primeiros quilombolas (em meados de 1890), a área era caracterizada por seus igarapés e por essa vegetação abundante. Na Figura 30, na foto aérea do bairro no ano de 1952, é possível observar que a vegetação predominava em relação às edificações.

Figuras 28, 29 e 30: Vista da Avenida Nhamundá, 1972 (dir.); Vista da Rua Jonathas Pedrosa, 2022 (centro) e Foto aérea do Bairro Praça 14 de Janeiro, 1952 (esq.)



Fonte: Instituto Durango Duarte e autores, 2022

Um Mapa de Vegetação (Figura 31) foi elaborado a partir de imagens de satélite. Este mapa evidencia que a vegetação no bairro foi muito reduzida com o passar dos anos. As massas verdes existentes são, em sua maioria, formadas por áreas residuais, localizadas em lotes abandonados ou quintais de residências. Não há presença de remanescentes florestais.

Figura 31: Mapa de vegetação



Fonte: Os autores, 2022

CONSIDERAÇÕES

As análises realizadas a partir da metodologia proposta expõem as transformações ocorridas no espaço urbano e como elas interferem diretamente no modo de vida dos habitantes do bairro. A interação entre este espaço urbano e o seu usuário mudou bastante ao longo dos anos. As Vias priorizam os veículos frente aos pedestres. Os Limites administrativos existentes não condizem com os limites imaginários, que consideram as características marcantes do bairro. Os Marcos, de maneira geral, são objetos arquitetônicos que não permitem uma apropriação por parte da população. As Infraestruturas técnicas existem, mas são ineficazes, pois não atendem o bairro na sua totalidade. A Infraestrutura social também se mostra ineficaz, pela ausência de parques, praças e áreas de uso público. As Áreas fechadas restringem o acesso da população em lotes vastos que poderiam ser melhor aproveitados. Já a análise do Sítio e sua extensão evidencia que o processo de aberturas de vias pouco considerou a topografia natural do território, e que a paisagem natural do bairro foi pouco preservada ao longo dos anos.

Nessas considerações finais, não se tem a pretensão de propor soluções definitivas a cada uma das problemáticas expostas ao longo do projeto. O cerne do artigo foi uma investigação de uma área urbana consolidada, onde os tópicos analíticos procuraram compreender e/ou justificar como se deu a forma atual do bairro, e como este é percebido na cidade.

Assim, respondendo à hipótese levantada pelo presente artigo, concluiu-se que não existe uma interação de qualidade entre a área de estudo (o bairro Praça 14 de Janeiro) e o seu usuário. O espaço urbano não é poroso, não possibilita que aconteçam trocas e interações entre pessoas

diferentes. O bairro é dominado por divisas fechadas, o espaço urbano é segregador. O autor Richard Sennett (2020) defende um espaço urbano que seja diversificado, onde as mais variadas atividades acontecem ao mesmo tempo, de forma sincrônica, gerando assim uma experiência espacial interessante. No bairro Praça 14 acontece o contrário disso, não há uma diversidade, visto que o comércio automotivo dominou grande parte de sua extensão. Esta atividade gera um grande número de visitantes durante o dia, pessoas que veem de outros bairros buscando este tipo específico de serviço. Durante a noite, as ruas ficam desertas.

Os resultados obtidos levaram a uma conclusão de que o grupo social que melhor interage com o espaço urbano são os moradores do Quilombo do Barranco. Esses sim, se apropriam do território ocupado e estabelecem relações de circunvizinhança, no que pese a falta de marcos simbólicos edificadas que permita a legibilidade de sua presença na paisagem urbana do bairro. Durante a realização das diversas manifestações culturais e religiosas da comunidade, a territorialidade dos quilombolas é afirmada na paisagem. As abordagens de Kevin Lynch e Philippe Panerai enfatizam a legibilidade como um valor social positivo, o que significa dizer que, quanto mais definido for um lugar, mais alguém será capaz de sentir: “Este é o meu bairro” ou “Aqui é o meu lugar.” E pode-se afirmar que, se alguém se sente verdadeiramente pertencente ao bairro Praça 14 de Janeiro, são os remanescentes quilombolas. Estes sim, nutrem uma ligação afetiva ancestral com o território ocupado e habitam e marcam a presença por meio de suas manifestações culturais que os ligam a seu território.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, G. M. **ANÁLISE INTRA-URBANA DAS VILAS NA VILA DE PONTA NEGRA E NO BAIRRO DE NOVA DESCOBERTA – ZONA SUL DE NATAL**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM GEOGRAFIA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL, 2006.

DUARTE, DURANGO MARTINS. **MANAUS ENTRE O PASSADO E O PRESENTE**. EDITORA MÍDIA PONTO COM, MANAUS, 2009.

LIRA, L. M. B. **CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE DO BARRANCO: FESTA DE SÃO BENEDITO**. TESE (DOUTORADO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2018.

LYNCH, K. **A IMAGEM DA CIDADE**. TRADUÇÃO JEFFERSON LUIZ CAMARGO. 3. ED. SÃO PAULO: EDITORA WMF MARTINS FONTES, 2011. [1960].

JORNAL À CRÍTICA. **PRAÇA 14 – MEMÓRIAS**. 2. ED. MANAUS, 2002.

PANERAI, P. **ANÁLISE URBANA**. TRADUÇÃO DE FRANCISCO LEITÃO. REVISÃO TÉCNICA DE SYLVIA FICHER – BRASÍLIA. EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2006.

PEREIRA COSTA, STAËL DE ALVARENGA. **TRANSFORMAÇÕES, CONFLITOS, PERDAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM SUL-METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE**. TESE (DOUTORADO EM ARQUITETURA E URBANISMO) – FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2004.

ROSA, A. V. **A COMUNIDADE DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO EM MANAUS: PROCESSOS PARA O RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2018.

SENNETT, R. **CONSTRUIR E HABITAR: ÉTICA PARA UMA CIDADE ABERTA**. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2020.